

## NIETZSCHE E A HISTÓRIA: CRÍTICAS A CIÊNCIA MODERNA E SUA APOLOGIA DA HISTÓRIA PARA VIDA.

Maria de Fátima Batista Vieira<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Goiás – UFMA  
E-mail: [maryfatima1994@hotmail.com](mailto:maryfatima1994@hotmail.com)

**Resumo:** Apesar das intensivas tentativas em aproximar Ciência e História e afastar as influências filosóficas da Historiografia, no século XIX, não deixaram de existir pensadores interessados em buscar as relações entre História e Filosofia. Friedrich Nietzsche foi um destes autores preocupados em pensar as convergências entre os campos (História e Filosofia), isso revela que mesmo com a proposta de “rompimento” entre as áreas de estudos no século XIX, as mesmas não se desligaram completamente. As contribuições de Nietzsche neste estudo serão apresentadas por esse viés, já que no século XIX, o autor não abandona o diálogo entre História e Filosofia e escreve em 1874 uma de suas principais obras dedicada a problematizar o fazer histórico no período moderno, em sua *II Intempestiva*.

**Palavras-chave:** Friedrich Nietzsche. Historiografia. Ciência.

### Friedrich Nietzsche: crítica ao modelo histórico científico moderno

De início precisamos nos perguntar: por que a filosofia de Nietzsche se faz necessária para problematizarmos o conceito de ciência moderna? Quais as contribuições que a obra de Nietzsche poderá trazer para discutirmos as relações entre História e Ciência? Friedrich Nietzsche em sua *Segunda Consideração Intempestiva*, será relevante nesta argumentação, pois ele é inaugurador (dentro da filosofia) das primeiras críticas aos modelos cientificistas modernos que mais tarde influenciarão diversos autores, assim como nos aponta (BARROS, 2014, p. 268):

É interessante observar aqui o pioneirismo deste ensaio de Nietzsche, pois ele nos fala não apenas dos “produtores de história” (os historiadores), mas também dos “consumidores de história”, obviamente que sem utilizar estes termos. O filósofo alemão está antecipando um conjunto de reflexões que só veremos aflorar mais consistentemente a partir de autores da segunda metade do século XX, como Reinhart Koselleck, Michel de Certeau ou Paul Ricoeur.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda de História pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Graduada em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Integrante do grupo de pesquisa “Histor: Cultura e epistemologia” na Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo, coordenado pela Professora Alina Silva Sousa de Miranda.

Nietzsche, desta forma, inaugura ainda no século XIX, críticas aos modelos históricos científicos vigentes e predominantes neste século, por isso a característica de filósofo intempestivo – fora e ao mesmo tempo dentro de seu tempo. Nietzsche antecipou algumas críticas que se tornaram predominantes mais adiante. O filósofo colocou em pauta a desconfiança na ideia de “verdade histórica”, “os valores cristãos” e a noção de “progresso e marcha” trazida por Hegel. Assim como cita Reis:

Pode-se considerá-lo como o primeiro filósofo “pós-moderno” porque destrói os três pilares do pensamento cristão-hegeliano-moderno: a) a confiança na capacidade do pensamento dialético de coincidir com o real e expressar a sua “verdade essencial”; b) a confiança nos valores cristãos como favoráveis à vida; c) a confiança hegeliana de que a história é “a marcha necessária do espírito em busca da liberdade”. (REIS, 2011, p. 144 – 145).

Essas contestações nortearão a formulação da crítica fundamental de Nietzsche frente ao pensamento ocidental relacionada à história, referente a expressão “excesso histórico” que é justamente o exagero de lembrança, de passado que os modernos tinham como cultura e algo de prestígio. Nietzsche, ao contrário, vai propor à História a faculdade do esquecimento, tal como ele aborda:

Quem pode se instalar no limiar do instante, esquecendo todo o passado, quem não consegue firmar pé em um ponto como uma divindade da vitória sem vertigem e sem medo, nunca saberá o que é felicidade, e ainda pior: nunca fará algo que torne os outros felizes. (NIETZSCHE, 2003, p.09).

Nietzsche, traz a vitalidade do ato de esquecer para atingir a felicidade. Mas como praticar o esquecimento, se a lembrança, o passado constituiu de acordo com os historiadores modernos uma consciência histórica? A consciência histórica<sup>2</sup> moderna é uma das mais importantes críticas expostas por Nietzsche na II intempestiva, pois esta, vislumbrada pela faculdade de lembrar e reproduzir o passado, desvia o homem da vida. A lembrança para os modernos é um atributo que traz ao homem um estado de anomalia, devido seu valor em excesso. O homem não vive mais o presente, ele fica preso nos gradis do passado e carrega infinitamente o seu peso, por isso, Nietzsche identifica o animal e a criança como oposto ao homem. Assim afirma o filósofo:

Por isso o aflige, como se pensasse em um paraíso perdido, ver o gado pastando, ou, em uma proximidade mais familiar, a criança que ainda não tem

---

<sup>2</sup> Gadamer define a consciência histórica como “a plena consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de toda opinião”. (GADAMER, 1998, p. 05)

nada a negar de passado e brinca entre os gradis do passado e do futuro em uma bem-aventurada cegueira. (NIETZSCHE, 2003, p. 08).

Aqui, Nietzsche funda uma crítica à memória em excesso dos historiadores modernos. Ao fazer uma analogia da criança e do animal, Nietzsche destaca nos dois o sentido a-histórico<sup>57</sup>, sentido do qual o homem moderno não possui e não valoriza. O filósofo, diante disso, promove a necessidade de balancear o sentido Histórico (lembrança) e o a-histórico (esquecimento). O homem destinado somente a lembrar, está fadado ao fracasso, já que o mesmo será apenas uma cópia da sua lembrança, uma reprodução do passado. Assim, preso ao passado, a vida presente se decai rapidamente. No entanto, Nietzsche propõe, como um saber histórico para a vida: “que se saiba mesmo tão bem esquecer no tempo certo quanto lembrar no tempo certo; que se pressinta com um poderoso instinto quando é necessário sentir de modo histórico, quanto de modo a-histórico”. (NIETZSCHE, 2003, p.11). Pensando desta forma, Nietzsche traz para o homem, a necessidade de equilibrar os dois sentidos pertinentes a história – o histórico e o a-histórico – como essenciais para construir uma História que reconheça o valor da vida. Tal como nos aponta Reis:

A historiografia como “ciência do sentido histórico” ignora essa atmosfera a-histórica. A historiografia moderna é analítica, “científica”, “positivista” e destrói ilusões como o tirano mais cruel. Esse exercício histórico objetivo é uma dissecação, que destrói um “saber sobre a vida”, mas que não é ele mesmo vivo. (REIS, 2011, p. 177).

Através do conceito de Vida, Nietzsche cria uma ponte entre o esquecimento do passado e o amadurecimento de um futuro, entre eles, o poder a-histórico surge como intermediário e o único capaz de criar uma forma salutar de se relacionar com a história. Mas qual instrumento será dado ao homem para balancear o poder histórico e a-histórico a favor da vida? Nietzsche traz como fundante ao homem, a definição do conceito de *Força plástica*, em que o mesmo coloca: “penso esta força crescendo singularmente a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho no passado, curando feridas, restabelecendo o perdido, reconstruindo por si mesma as formas partidas” (NIETZSCHE, 2003, 10). Os possuidores desta força são os “homens fortes de Nietzsche” aqueles capazes não apenas de reproduzirem uma cópia do passado, mas recriá-los a favor da vida. A história deve preservar a grandeza do passado e retirar seu fardo, somente o homem possuidor desta força será capaz de realizar esta atividade.

Aquele capaz de ver no passado o que ele tem de novo e velho servindo ao seu bem maior – a Vida. Ao saber identificar o que retirar do passado em prol da vida, estamos falando de uma força criativa contida nos poucos homens possuidores dela. Nietzsche ao trazer este conceito, tenta aproximar a história do conhecimento artístico, acreditando ser um conhecimento próximo da vida e que foi negado pela ganância dos modernos a favor de uma ciência-verdade. Os modernos perderam a utilidade da vida e conseqüentemente a desvalorização dos instintos artísticos:

De fato, ao suportar o peso da memória, com o decorrer dos séculos, o homem se transforma em ser histórico. Mas, em vez de utilizar sua memória como ponto de partida, ela a considera como ponto de chegada, fato que o leva a viver voltado para as ações dos outros, dos antepassados. E se ilude. O homem moderno não sabe ou não tem coragem de cultivar o esquecimento da mesma forma que cultivava a memória. (BRAGA, 2011, p.110 – 111).

Através da crítica de Nietzsche, precisamos nos perguntar: Por que a Ciência, a intenção de Verdade, são para Nietzsche motivos de críticas? Nietzsche vê em sua época o que ele definiu de *Doença histórica* que é justamente o sinônimo de *excesso histórico*, ocasionado pelos modelos vigentes de fabricação histórica do século XIX<sup>3</sup>. Partindo de duas premissas para justificar sua crítica: a primeira sobre o modelo Hegeliano – que traz um projeto teleológico e progressivo da História<sup>4</sup>, o segundo refere-se aos modelos cientificistas do século XIX (historicismo e positivismo) que trouxeram o excesso de passado, exposto anteriormente, como produto de conhecimento histórico na modernidade<sup>5</sup>. José Assunção de Barros cita:

De todo modo, o principal foco da *IIª Consideração Intempestiva* de Nietzsche não será tanto a proposta de determinado tipo de historiografia a ser preconizado em detrimento de outros, mas sim o encaminhamento da crítica de todos aqueles fazeres historiográficos que poderiam se tornar nocivos à vida. (BARROS, 2014, p. 260).

Nietzsche apresenta, nesta obra, as vantagens e desvantagens da História para a vida. As vantagens consistem nos três modos de história para vida: monumental,

---

<sup>3</sup> Ao criticar esse excesso de lembrança como uma doença, isso não quer dizer que Nietzsche desconsidere a importância da História. (BARROS, 2014, p. 256) escreve: “Vale lembrar que Nietzsche não desmerecia a importância da História, da qual era, aliás, grande conhecedor. Sua crítica voltava-se contra o que chamará de “excesso de história”, um traço da época que ele avaliará como patológico”. O grande obstáculo para Nietzsche, é justamente esse excesso que os historiadores modernos consideravam como primordiais à História, que contrariamente o mesmo considera uma patologia.

<sup>4</sup> Ver em (BARROS, 2014, p. 264).

antiquário e crítica – que será exposto mais adiante. As desvantagens se apresentam através principalmente do modelo teleológico Hegeliano e os modelos cientificistas (historicismo e positivismo) do século XIX que causaram à história um esgotamento do sentido histórico, resultando no padecimento da vida. A perda da vida, para Nietzsche, se deu no momento que a ciência-verdade sucumbiu à vida, ocasionando a contradição entre vida e sabedoria (ciência), assim como aborda Nietzsche: “Pensada como ciência pura e tornada soberana, a história seria uma espécie de conclusão de vida e de balanço final da humanidade”. (NIETZSCHE, 2003, p. 17). Percebemos, a partir daí uma crítica do filósofo sobre a ideia de totalidade, progresso e finalidade – conceitos pertinentes a filosofia da história de Hegel que traz a ideia de um fim para História.

Então nos perguntamos: Se a história tivesse um fim, por que precisamos conhecê-la? As discussões de Nietzsche em torno dos modelos historiográficos vigentes nos levam a pensar seu desligamento com a vida. Ao propor uma História-ciência do vir-a-ser universal, fundada numa razão tida como absoluta e verdadeira – o valor da vida se destrói. Qual seria o principal motivo do afastamento entre História e Vida? Nietzsche expõe que é: “através da ciência, através da exigência de que a história deve ser ciência” (NIETZSCHE, 2003, p. 32). O saber teleológico e científico fundado na verdade absoluta traz como consequência a perda da História enquanto um conhecimento para a vida, resultando numa contradição entre interior e exterior.

O saber, consumido em excesso sem fome, sim, contra a necessidade, não atua mais como um agente transformador que impele para fora e permanece velado em um certo mundo interior caótico, que todo e qualquer homem moderno designa de orgulho curioso com a “interioridade” que lhe é característica”. (NIETZSCHE, 2003, p. 33).

Portanto, os modernos glorificam a capacidade interior e racional, mas diante disso, lhes falta a forma, este saber se retrai e o mesmo não consegue exteriorizar-se, enquanto um saber para vida. A cultura histórica moderna, desta forma, sofre de uma má digestão aguda<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> No sentido de não obter uma digestão saudável, este se torna um processo lento e demorado. Assim, fazendo analogia com o saber, este sofre de uma digestão complicada, pois o que prevalece para os modernos são os acúmulos de informações, não chegando os mesmos se expandirem para fora, se tornando um conhecimento sem vivificação, assim como Nietzsche propõe.

A modernidade sofre com o excesso de passado, lembrança, ou seja, um excesso da própria história. O acúmulo de informações torna os modernos, usando as palavras de Nietzsche “enciclopédias ambulantes”, as informações padecem no seu interior, na medida que elas não chegam a externar seu valor vital. Esta interiorização dos modernos, fez com que os estilos artísticos de uma cultura ficassem vetados, justamente por esta valorização interior da razão – causando nos homens uma personalidade enfraquecida e sem vida. A história apresenta-se como um saber sem ação e sem vida, assim como destaca Nietzsche:

A cultura histórica de nossos críticos não permite mais de maneira alguma que se chegue a um efeito sem sentido próprio, a saber, a um efeito sobre a vida e a ação: eles passam imediatamente a borracha mesmo sobre o escrito mais negro possível, eles borram o desenho mais gracioso com suas pinceladas grossas que devem ser vistas como correções: e uma vez mais não resta mais nada. Todavia, sua pena crítica não para de correr, pois eles perderam o poder sobre ela do que a conduzem. Exatamente nesta imoderação de suas efusões críticas, na falta de domínio sobre si mesmo, nisto que os romanos chamavam *impotentia* revela-se a fraqueza da personalidade moderna. (NIETZSCHE, 2003, p. 47).

Esta contradição (interior e exterior) na modernidade acarretou um conhecimento desfavorável à vida e trouxe como consequência ao homem, uma personalidade fraca, sem nenhum instinto criativo, sendo sucumbido por sua valorização interior. Mas o que torna esse conhecimento interior racional digno de prestígio aos homens modernos? Nietzsche, para problematizar a saturação histórica da modernidade traz os termos de justiça e objetividade (verdade) para discutir tal problema.

Dessa forma, os historiadores modernos entendem o conhecimento histórico como um juiz e um saber a ser condenado a julgado, de acordo com suas regras, assim como Nietzsche cita:

Ele quer a verdade, só que não apenas como um conhecimento frio e sem consequências, mas como uma juíza que ordena e pune, a verdade não como posse egoísta do indivíduo, mas como o direito divino de tresloucar todos os marcos das propriedades egoístas, em uma palavra, a verdade como tribunal do mundo e como algo inteiramente diverso da presa capturada e do prazer de um único caçador. (NIETZSCHE, 2003, p. 48-49).

Os historiadores modernos não utilizaram o passado como um conhecimento provedor de vida, pelo contrário, trouxeram como peso de medida sua obstinação pela verdade. É a verdade que serve como medida para julgar o passado histórico enquanto um saber justo e objetivo. Doravante, ele age cego pela verdade e assemelha a isso o prestígio da justiça.

A vontade pela verdade torna os modernos justos e objetivos. Percebemos aqui, uma das disputas mais presentes dentro do ofício histórico – o conhecimento histórico associado a uma objetividade ou subjetividade – que nortearam discussões antes da modernidade e que estão presentes até os dias atuais.

Nietzsche intitula como “ingênuos” os historiadores modernos que entendem suas representações do passado, como algo objetivo e categorizam como verdadeiro, assemelhando o trabalho do pintor, ao retratar uma imagem – uma paisagem – ao tentar capturar a essência, reconhece sua incapacidade de retratá-lo, tal como ocorreu e ver seu trabalho como um simulacro criativo. A ciência, calcada na verdade atua apenas como instrução sem vivificação. Nietzsche aborda o quão é nocivo este tipo de justiça objetiva:

A justiça histórica, mesmo se real e exercitada com pureza de intenção, é, por isso, uma virtude terrível, à proporção que confunde o vivente e o leva à decadência: seu julgar é sempre um aniquilar. Se por detrás do impulso histórico não age nenhum impulso construtivo, se nada é destruído e limpo para um futuro já vivo, na esperança de construir sua morada sobre o solo liberado, se a justiça vige sozinha, então o instinto criador é enfraquecido e desencorajado. (NIETZSCHE, 2003, p. 58).

O ato de julgar sempre resulta em um tipo de aniquilamento, por isso, é tão nocivo à história, por ser um conhecimento que necessita do passado. Esta maneira de julgar o passado traz um aniquilamento do instinto criativo, desde modo, torna a história um conhecimento sem vida. Diante disso, podemos problematizar, a partir da visão de Nietzsche, o aniquilamento da subjetividade criativa e construtiva do homem em favor da vida<sup>7</sup>. A ciência moderna ao aceitar esta tarefa de trazer a noção de pureza do passado como verdade, para o filósofo, só fez distanciar o homem da vida e resultou numa virtude destruidora da mesma. O ato de julgar não age sozinho, tem como medida a verdade<sup>8</sup>, deixando de escanteio aquilo de mais salutar ao homem – a vida.

A ciência domina a vida, a mesma adormece os instintos que são de natureza do

---

<sup>7</sup> Problemática discutida principalmente a partir do século XX, com a entrada do cenário pós-moderno que traz a história como uma construção social subjetiva do historiador, rejeitando toda ideia de realidade inata e pronta do acontecimento histórico - tendo como principais historiadores a englobar esta problemática: Certeau, Chartier, Ginzburg, Le Goff e entre outros. Autores que receberam de alguma forma influências das abordagens trazidas por Nietzsche sobre a modernidade.

<sup>8</sup> Nesta discussão, percebemos a contradição entre conhecimento e experiência. Enquanto os modernos se formaram em cima da ganância do conhecimento como pureza da verdade. Nietzsche propõe o conceito de vida, como experiência. Se voltarmos aquela contradição exposta pelo mesmo, entre interior e exterior, perceberemos que não basta apenas o conhecimento interior, fundado na razão e obtenção da verdade, sem antes atingir o exterior. O conhecimento se retrai na interioridade do homem e não chega a tomar formas.

Homem. Desejam a maturidade, pois ser maduro torna-os homens prontos e cultos<sup>9</sup>. O crédito de conhecedor do passado intitula os historiadores modernos como “donos da verdade”. O estranhamento não os persegue, pois confortaram-se dentro do que Nietzsche denominou de cultura histórica<sup>10</sup>. Com isso, agem como se estivessem prontos para trabalhar com a fabricação histórica, ao contrário, atuam como serviçais da história – pois acreditam ter sabedoria interior (racional), objetiva e acima de tudo justa. Daí percebemos a contradição exposta anteriormente trazida por Nietzsche entre interior e exterior. O que adianta um conhecimento racional, ideal, interior sem utilidade?

Nietzsche coloca a necessidade de problematizarmos o conhecimento histórico, antes de perdermos a vida e quem pode ajudar neste caso é o poder a-histórico. O olhar a-histórico sobre o passado nos ajudará a compreender a história não como detentores do passado, tal como os modernos propunham, mas como herdeiros – como apropriadores do passado em prol da vida. Se nos limitarmos a entender a história apenas como sinônimo do passado, ela caminhará para as pretensões hegelianas de um conhecimento progressivo, processual e final.

Destarte, percebemos através da proposta hegeliana e dos modelos históricos científicos modernos que a história chegou a um estado de doença histórica, destituindo à vida. Os modernos privilegiaram o amadurecimento, sem antes experimentá-lo. A verdade juntamente a ciência, tornou-se a grande influenciadora da constituição da cultura histórica moderna tão criticada por Nietzsche. Isto fez com que:

“Um certo excesso de história possibilita tudo, nós vimos: e, em verdade, a proporção que por meio de deslocamentos do horizonte de perspectivas, da eliminação de uma atmosfera envoltória, não permite mais sentir e agir a-historicamente” (NIETZSCHE, 2003, p. 88).

Desta forma, com a modernidade a história chegou ao seu amadurecimento e fim. Até aqui descrevemos a crítica de Nietzsche aos modelos cientificistas – que acarretaram para história um excesso histórico e um estado de *doença histórica* tida para Nietzsche como

---

<sup>9</sup> Por isso, Nietzsche põe a tarefa dos “grandes homens” aos jovens – pois estes não alcançaram o amadurecimento e nem se sentem prontos. A estranheza pelo desconhecido ainda os move. E é isto o que os movimentam para a vida.

<sup>10</sup> É um diagnóstico que Nietzsche faz de sua época, que coloca os modernos como homens doentes e sem vidas, por estarem presos no objetivo de atingir um conhecimento ponderado pela verdade. Pode ser entendido também como sinônimo da definição de excesso histórico exposto anteriormente.

desvantagens à História para vida. Mas se Nietzsche propõe um conhecimento para vida, onde podemos encontrá-lo na história?

### **História para vida: modo monumental, antiquário e crítico**

Nietzsche apresenta as desvantagens da história para a vida, tal como foi descrita acima. Por outro lado, ele nos mostra a utilidade da história através dos três modos de história a favor da vida: monumental, antiquário e crítico. Daí percebemos a credibilidade que o filósofo intempestivo tinha pela história<sup>11</sup> – é somente sobre a doença histórica aquilo que definiu de excesso histórico, cultura histórica, sentido histórico trazido pelos historiadores modernos que pauta sua crítica. Nietzsche tece sua apologia a história para vida, em primeiro lugar, destacando o modo de história monumental – que atua no homem para agir e inspirar as grandes ações passadas que se servem do passado tirando aquilo de grandioso e de exemplar à vida. Não como uma tentativa de imitação da realidade ou reprodução do passado como “realmente aconteceu”, mas sim, como a elevação daquilo de engrandecedor ao homem.

Acreditar que os grandes momentos de luta dos indivíduos formam uma cadeia contínua, que eles os ligam ao longo de milênios os píncaros da humanidade, que o apogeu deste instante já há muito tempo terminado, está diante dos olhos ainda vivo, grandioso e luminoso – esta é a ideia fundamental da fé na humanidade que se exprime na exigência de uma história monumental. (NIETZSCHE, 2015, p. 58).

A história monumental busca trazer o passado e as ações humanas grandiosas, como modelos ao homem de ação e possuidor de seus instintos criativos. Os modernos propuseram um passado como cópia da realidade, mas isto, para Nietzsche não funciona como estímulo para o homem do presente – apenas retirando do passado aquilo de grande e impulsionador ao homem é que este servirá para guiar o homem a viver. Diante disso, este não estará mais preso no excesso histórico, mas dentro de uma perspectiva a-histórica, em que o homem vive o presente e recebe do passado aquilo de engrandecedor a ele.

---

<sup>11</sup> “Vale lembrar que Nietzsche não desmerecia a importância da História, da qual era, aliás, grande conhecedor. Sua crítica voltava-se contra o que chamará de “excesso de história”, um traço da época que ele avaliará como patológico”. (BARROS, 2014, p. 256).

A história monumental na modernidade atingiu seu excesso histórico, devido a isso, Nietzsche põe sua crítica ao uso exagerado deste tipo de história em sua obra. Em vez de usar o passado como algo grandioso à vida, ao contrário, o homem moderno se prenderam no passado, acreditando ser possível descrevê-lo tal como ocorreu. Resultando ao homem uma postura cética diante do presente e futuro, na pretensão de alcançar um passado real e inalcançável. O lado nocivo, deste modelo histórico, se apresenta no momento em que o homem não olha para o passado como algo inspirativo e uma ação grandiosa – o homem procura imitar um passado e se aproxima de uma invenção sem valor vital<sup>12</sup>. O embelezamento do passado se perde e sua pulsação criativa se desfaz. Assim como cita (LIMA, 2012, p. 66):

Faz parte do propósito da História monumental produzir no homem o estímulo e a sedução necessária para o processo de criar artisticamente. Ao preservar as aventuras de outrora, a história monumental inspira a humanidade lançar-se frente ao aberto que é a vida, pois nela o homem encontra força para determinar seu acontecer histórico. Assim, tal história mostra aos homens aventureiros do futuro que seus antepassados também já passaram pelas mesmas adversidades que eles e foram capazes de superá-las. Para tanto, bastou apenas a virtude, grandeza e capacidade de dizer sim à sua condição humana.

Nietzsche, então, busca no passado, não a sua verdadeira realidade, pois reconhece a impossibilidade desta tarefa. Ele usa o passado, no momento que ele nos serve de inspiração e para nosso agir. Com o excesso de história monumental, o homem aniquila à vida sem piedade, com o gosto de ser juiz exposto anteriormente. O homem, neste exagero monumental, se agarra ao passado, sem utilizá-lo para a vida, se veta para tudo que apresenta novidade, tornam-se cegos e servidores do passado. Nietzsche, a contramão, traz a necessidade de usarmos o passado dentro daquilo de grande que ele nos mostra em prol da vida. É por meio desta grandeza artística do passado, que a história não se torna estática e nem um fardo – ela se mostra como um conhecimento para a vida, não apenas para aqueles do presente, mas para aqueles que pertencem ao futuro e verá no passado a grandeza que os movem para viver. Assim como aborda Nietzsche:

A história diz respeito antes de tudo ao homem ativo e poderoso, ao homem que luta em uma grande batalha e que precisa de modelos, mestres, consoladores e que não permite que ele se encontre entre os seus contemporâneos e no seu presente. (NIETZSCHE, 2003, p. 18).

---

<sup>12</sup> Ver (SOUSA, 2015, p. 384-385).

Diante disso, a história monumental necessita do passado, só através dele se consegue retirar a grandeza para servir de inspiração para os novos historiadores do presente e acima de tudo para aqueles que pertencem ao futuro. Por isso a importância do passado monumental, pois não encontramos instruções em nossos contemporâneos, já que estes estão contaminados pela doença histórica e mais distante dos homens do futuro, por isso, a relevância do passado para a história. Desta forma, o passado se torna fundamental, não para servir de cópia, mas para servir de inspiração para os que estão por vir. Por outro lado, a modernidade acarretou o excesso deste monumentalismo e ocasionou “os mortos enterram os vivos”. Os modernos não usaram o passado a partir de sua grandeza vital, mas afundaram-se no passado, numa tentativa de restituí-lo, tal como aconteceu, encontrando refúgio, principalmente na transformação da história em uma ciência-verdade. Aqui se apresenta a desvantagem deste tipo de história para vida. O passado como imitação real tornam os homens impotentes, isso porque “a história monumental é um traje mascarado, no qual seu ódio contra o que é poderoso e grande em seu tempo se faz passar por uma admiração saciada pelo que há de grande e poderoso nos tempos passados”. (NIETZSCHE, 2003, p. 24). Deste modo, os modernos não usaram o passado como inspiração, mas se disfarçaram nos homens do passado, tentando copiá-los e imitá-los. Nietzsche.

Em segundo, Nietzsche coloca a história a serviço da vida, no modo antiquário que preserva e venera com cuidado as raízes do passado. “Conforme cuida, com a mão muito precavida do que ainda existe de antigo, busca preservar as condições sob os quais surgiu para aqueles que virão depois dele – e assim ele serve a vida”. (NIETZSCHE, 2003, P. 25). Desta forma, a história antiquária serve para preservar aquele passado necessário de veneração ao homem, tido como essencial à vida. O valor antiquário é aquele que se volta para o passado com amor e fidelidade. Neste segundo modo de história, o homem tem o papel de preservar e venerar aquele passado que lhe serve à vida e que o torna um homem de ação. No momento que usa o passado como preservação de uma memória, uma tradição, este passado se apresenta útil à vida.

Todavia, não é apenas em torno dos grandes acontecimentos do passado que a história serve à vida. A história tradicional ou antiquária traz como valor para vida, desde um objeto até uma crença, como algo que deve ser preservado e venerado. Esta

preservação e veneração auxilia o homem compreender suas raízes e heranças necessárias do passado. É o cuidado do passado que servirá, assim como a grandeza monumental, para os que virão e nós homens do presente temos esta responsabilidade de preservar o passado tendo por medida seu valor vital.

Porém este tipo de história pode ser bastante nociva para vida, no momento que ela alcança seu excesso. A história antiquária se torna sufocante ao homem do presente, já que este prefere ficar preso no passado e tentá-lo entender tal como se foi.

Aqui se está sempre bem próximo de um perigo: enfim, tudo tornar-se antigo e passado, mas continua no interior do campo de visão, é assumido por fim como igualdade venerável, enquanto tudo o que não vem ao encontro deste antigo com veneração, ou seja, o que é novo e o que devém, é recusado e hostilizado. (NIETZSCHE, 2003, p. 28).

O perigo se aproxima e pode destituir à vida, no momento em que o homem valida tudo no passado, e tudo é venerável e reservável, com isso, tudo que vem do presente, a novidade lhe é estranho e hostil. Deste modo, a vida sucumbe, pois, o passado não é preservado, mas mumificado. O homem se utiliza de um véu, aquilo de novo, o mesmo não poderá ver e vivenciar, pois este está preso ao passado. Então a vida se destrói? “A história antiquária degenera-se justamente no instante em que a fresca vida do presente não a anima e entusiasma” (NIETZSCHE, 2003, p. 28). Portanto, a vida se perde afundada no passado, o homem se envolve com o “cheiro de mofo” e não se esgota em senti-lo, o mesmo não compreende mais a necessidade de usá-lo como preservação e veneração para vida. Assim Nietzsche fala sobre este processo: “Então a árvore morre de maneira nada natural, de cima para baixo, paulatinamente em direção as raízes – por fim, mesmo as raízes perecem junto. (NIETZSCHE, 2003, p. 28). Perante isso, o cheiro de mofo, se infiltra no homem enfraquecido, sem *força plástica*, rejeita tudo que é novo e se contenta com as quinquilharias do passado – percebemos então, o desequilíbrio nestes dois tipos de história apresentados.<sup>13</sup> A história a serviço da vida é aquele conhecimento que mantém o equilíbrio entre antiguidade e novidade. Mas qual ferramenta serviria de auxílio para o homem equilibrar o novo e o velho do passado?

---

<sup>13</sup> “Na operação historiográfica que pretende ser útil a vida, passado e presente, objeto histórico e historiador, precisam estar cuidadosamente equilibrados” (BARROS, 2014, p. 270).

Refere-se ao último modelo de história apresentado por Nietzsche: modo crítico – tipo de história que sofre e carece de libertação. A história crítica, utiliza-se do passado como um tribunal em que “todo o passado é digno de ser condenado” (NIETZSCHE, 2003, p.30). Este tipo de história, com seu poder de julgamento põe o passado diante de um tribunal, ele consegue romper e dissolver o passado em excesso e trazer um conhecimento a favor da vida. Este ato de julgar, assim como os dois tipos de história anteriores, tem como princípio fundador a vida.

O modo crítico é fundamental para o conhecimento histórico, pois quando os dois tipos de história apresentados anteriormente apresentar um excesso de história na forma monumental e antiquária, o modo crítico entra em cena para equilibrar e tornar a história um saber salutar e não degenerativo tal como a modernidade acarretou para história. Este modo de história, pertencerá aqueles possuidores daquela força instintiva e criativa tão relevante para o filósofo intempestivo. Aqui se apresenta a tarefa da história crítica – aplicar no momento certo gotas de esquecimento e lembrança. O modo crítico, com sua capacidade artística consegue enxergar a grandeza da história monumental e a preservação da história antiquária. O modo crítico tem esta função por não está na instância temporal do passado, ele atua no presente, por isso, a história crítica tem o papel de julgar o passado em prol da vida.

É importante ressaltar que mesmo o modo crítico sendo tão fundamental para história, ele não seria útil sem os outros dois modos de história – monumental e antiquário – sem eles o conhecimento histórico seria insuficiente. Por isto o passado é necessário, pois se não existisse a história monumental e antiquária, como o modo crítico agiria com seu ato julgar? Mesmo os três modos de história apresentando suas distinções, eles demonstram algo em comum: a união dos três a favor da vida.

Mas o modo crítico, assim como os outros modos de história, apresenta seu lado nocivo: “Trata-se sempre de um processo muito perigoso, a saber, muito perigoso para a própria vida: e homens e época, que servem desta maneira à vida, ao julgarem e aniquilarem um passado, são sempre homens e épocas perigosas e ariscadas”. (NIETZSCHE, 2003, p.30). A nocividade deste modo crítico, consiste diferentemente dos modos anteriores, em que o passado é tido como excesso – este modo diferentemente dos anteriores, destrói o passado com seu ato de juiz, causando um desprezo pelo o que “foi”

tornando-se perigoso à vida, assim como o uso exagerado do passado destitui a vida, a destruição do mesmo também o é. No momento que ponho o passado a tribunal, detenho de imediato, uma nova construção em cima deste passado, cria-se uma *segunda natureza*. Esta segunda natureza, só será salutar a vida, na medida que o homem detentor do poder de julgar, reconhecer que toda segunda natureza, já foi uma primeira natureza, e assim o inverso. Pois o desaparego pelo passado também destrói a vida. A história crítica tem a função de balancear a grandeza da história monumental e a preservação da história antiquária, tendo como medida o *dever* da vida. De acordo com Nietzsche, para quem se destina a tarefa de utilizar a história a serviço da vida e quais remédios servirão de auxílio para obter esta história salutar?

Nietzsche, com seu título de intempestivo, direciona esta tarefa à juventude. Somente esta poderá atingir uma história a serviço da vida. Pois os modernos não podem atingir esta tarefa, já que estes estão imersos com o que o filósofo definiu de doença histórica. Nietzsche traz a juventude, pois esta, ainda não está formada e madura, assim como os modernos os categorizam. Com a juventude, uma nova cultura pode crescer e florescer com base na vida e quebrar aquelas contradições expostas anteriormente entre vida e saber, interior e exterior<sup>87</sup>. Nietzsche fala sobre o papel da educação:

Que uma educação com tais metas e com estes resultados seja antinatural, isso sente apenas o homem que ainda não foi formado nela, que sente apenas o instinto da juventude porque este ainda tem o instinto da natureza, que só é rompido artificialmente e violentamente por esta educação. (NIETZSCHE, 2003, p. 91).

Diante disso, percebemos a reflexão que Nietzsche põe sobre juventude. A educação moderna tornou os homens fracos e sem personalidades, pois estes aprenderam logo a importância de ser maduro, sem estar pronto. Seu crescimento natural foi impedido e se tornou antinatural, pelo seu desejo prematuro pelo amadurecimento. Por isso, estes homens não possuem o ato criativo, porque eles já se sentem prontos e acabados. Os modernos obtiveram um amadurecimento precoce e romperam com seu ciclo natural – através do desejo pela verdade racional.<sup>14</sup> A educação moderna, baseada numa ciência sem vivificação, glorificou o ato de lembrar como fundante a história. Fortalecendo as

---

<sup>14</sup> Nietzsche propõe uma inversão dos termos, invés de *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), usaria *vivo, ergo cogito* (vivo, logo penso). (BARROS:2014).

contradições entre vida e saber, interior e exterior, histórico e a-histórico e natural e superficial. Chegando Nietzsche indagar:

Será então que a vida deve dominar o conhecimento, a ciência, ou será que o conhecimento deve dominar a vida? Qual destes dois poderes é o mais elevado e decisivo? Ninguém duvidará: a vida é a mais elevado poder dominante, pois um conhecer que aniquila a vida aniquilaria a si mesmo. O conhecer pressupõe a vida: ele tem, portanto, o mesmo interesse na conservação da vida que todo e qualquer ser tem na continuação de sua própria existência. Assim, a ciência necessita de uma inspeção e de um controle superiores; uma doutrina da saúde da vida coloca-se bem ao lado da ciência; e uma sentença desta doutrina da saúde diria: o a-histórico e o supra-histórico são os antídotos naturais contra a asfixia da vida pelo histórico, contra a doença histórica. (NIETZSCHE, 2003, p. 96).

Percebemos em Nietzsche a tentativa de aproximar o homem da natureza, de sua parte natural, neste caso, da própria vida, rompida pela busca da ciência-verdade – apresentada pela tradição ocidental e pelos modelos cientificistas do século XIX. Nietzsche, então, coloca a superioridade da vida sobre a ciência, pois de acordo com o filósofo, a história encontra-se no estado de *doença histórica*, dentro desta pretensão científica. A contradição entre vida e saber, se apresenta no decorrer de sua obra, como um obstáculo à história para vida. Nietzsche, inaugura desta forma, as primeiras críticas aos modelos cientificistas modernos e ao projeto hegeliano, servindo para muitos historiadores posteriores fundarem suas argumentações.

Diante disso, buscamos trazer um diálogo entre História e Filosofia, dentro de um trabalho epistemológico para refletir sobre os fundamentos da historiografia ocidental através das contribuições de Nietzsche em sua II intempestiva, não para trazer soluções, mas para problematizar conceitos que na História já estão dados como resolvidos: Será que conseguimos equalizar a dualidade entre teoria e método? A história trabalha com a ficção ou verdade? A História é narrativa ou ciência? Será que estes problemas já foram solucionados na história? Esses problemas não são atemporais, todos eles têm suas histórias, tê-los como resolvidos é ingenuidade, porém uma aproximação com a filosofia pode atuar como atributo para propor uma discussão sobre o saber histórico e seus caminhos estabelecidos, já que estes problemas estão mergulhados em questões filosóficas.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, José D'Assunção. In: Nietzsche e as Críticas à Filosofia da História e à Historiografia Científica do século XIX – uma análise da Primeira Parte da 2ª Consideração Intempestiva. Revista *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v.5 - 2014.

BRAGA, Antonio C. *Coleção pensamento e vida: Nietzsche: o filósofo do Niilismo e do eterno retorno*. São Paulo. Ed. Escala, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da Consciência Histórica*. Tradução: Paulo César Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LIMA, Márcio José Silva. *Nietzsche e a crítica ao Historicismo: uma análise a partir da relação história e vida na Segunda Consideração Intempestiva*. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2012.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagens para vida*. Tradução Marco Antônio Casanova. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a História*. Trad. Noéli Correia de Melo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REIS, José Carlos. In: A consciência histórica pós – 1871: Nietzsche e a legitimação da conquista europeia do planeta – o projeto alemão. *História da “Consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. *A história entre a filosofia e a ciência*. – São Paulo, Editora Ática, 1996.

SOUSA, Raylane Marques. Nietzsche, pensador crítico da ciência e da história da modernidade. Revista: **Temporalidades**, v. 7 n. 2 (mai. /ago. 2015 – Belo Horizonte, 2015.